

Silvia Zanatta Da Ros

AR

**LUTOS EM
TEMPOS DE
PANDEMIA**

CAIS

CAIS

Silvia Zanatta Da Ros

AR

**LUTOS EM
TEMPOS DE
PANDEMIA**

Florianópolis
2020



iso LAR
AFETA r
disse MINA r
in CORPO rar
QUARENTENA r
se PARA r
mas CARA r
as SUSTA tar
CONTA giar
re LUTA r
em LUTA r
du VIDA r
des ENVOLVE r
sobreVIVER





AR

LUTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ar! Ar, ano da casa, dentro de casa, ano da notícia infame do vírus que **intoxica o ar** e as vidas, **afeta** o corpo, **mina o corpo, prende**, traz sofrimento e ânsia. **Quarentena! Para**, imobiliza! Dá a **cara** a bater para algo desconhecido que **susta** encontros e cria novos afetos. É verdade o que se **conta**: ceifa vidas, muitas e muitos morrem pela doença secundária à presença desse novo coronavírus. Pandemia! Confinamento! Aí vem a **luta**, muita **luta**. A **vida**, a morte, o luto. Mais luta! A tudo, todas e todos a questão **envolve**. Muito negacionismo, mas muitos enlutados, lutando para elaborar e **sobreviver!**

As palavras em negrito, constantes no parágrafo acima, saíram do interior do conjunto das tantas palavras faladas, choradas, gritadas, murmuradas do começo da pandemia do coronavírus aos dias atuais. Escondidas em verbos, em palavras de ação, de estados e processos demandados por esse turbilhão amedrontador do qual ninguém ficou de fora. Porque adoeceu, porque é transmissor e não sabe ou sabe e desacredita, porque corre o risco de ser contaminado. Isolamento! Dor! Perplexidade!

Mais do que palavras escondidas, o que estão camufladas dentro dos verbos são, por certo, as condições de uma grandiosíssima parcela da população brasileira, e de todo o mundo, atingida pela Covid-19, carente de seus direitos e usurpados pela violência das práticas neoliberais, que matam feito a pandemia. Pandemias! Vida, sobreviver?

Antes que seja tarde demais, uma vez que as narrativas correm por aí em disputas à velocidade da luz, junto-me àquelas muitas falas que dizem de um dado olhar sobre a história desta pandemia: a que expõe o lado não negacionista do problema.

Dentre as muitas questões a serem denunciadas, escancaradas, ponderadas, escolhi priorizar a que envolve o tema do luto decorrente das perdas ocorridas por julgar que uma das versões do acontecido e em acontecimento – uma vez que ainda estamos ameaçados por tal pandemia e seus desdobramentos não totalmente esclarecidos – parece o desconsiderar.

E, com isso, acabar fazendo um sequestro de algo fundamental frente à situação: o enlutamento de um povo, ou seja, o luto coletivo, comunitário. Tal qual foram sequestrados, também, outros direitos. Em alguns países, o luto já possui essas características como parte integrante de suas culturas, o que não é o caso do Brasil.

Não seria de bom tom, então, como medida de cuidado, respeito e amparo à população, serem abertos espaços, apoiados pelo próprio governo, com essa finalidade? Para isso, os mandantes precisariam ter considerado um e não o outro lado daquilo que foi e é narrado, o que não aconteceu em função do lado da história na qual se basearam as tomadas de decisão para os encaminhamentos dos rumos dos acontecimentos pandêmicos.

Assim, enfatizar a importância de ser valorizada a marcação do lugar de onde são contadas as histórias, constitui um ato de resistência, uma vez que, em concordância com a escritora feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche, não há nenhuma história que seja única e que é impossível falar de história sem falar de poder.

Assim, há que se considerar que não há, também, uma versão única sobre os fatos, não há uma biografia única de ninguém, não há só um lado contado sobre um acontecimento, não há uma só paisagem no lugar, um céu: há céus, paisagens, acontecimentos, biografias, versões sobre fatos... E mais, há que se considerar, como crucial, da mesma maneira, o lado em que se está como formulador e contador de histórias no que se refere à questão das classes sociais, divisor frequentemente "esquecido". Sabe aquela máxima da história oficial? Sabe daquela história contada pela classe dominante estando poder? Bem isso!

Chimamanda diz que é preciso saber "como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quanto são contadas". Compreende-se essa afirmação, considerando que entre as histórias são veiculados, fundamentalmente, significados e sentidos próprios das narrativas dominantes.

Seria possível dizer que, bem por isso, por narrarem de maneira tão veemente a sua visão e a história que contam a si próprios sobre a pandemia, que o poder público e seus representantes tenham se omitido covardemente e deixado o povo ao "deusdará" por todo este ano de mortes e arrochos.

A tábua de salvação para muitos foi a colaboração dos seiscentos reais por algum tempo, para as milhares de pessoas inscritas no programa de Auxílio Emergencial (contrariando a autoridade maior do governo que defendeu, fortemente, o repasse de apenas duzentos reais).

Tais discursos, despreparo e, muitas vezes, negacionismo incentivado obrigaram os mandantes dos diferentes recantos do país a tomarem atitudes de contingência, inimagináveis, frente à avalanche de demandas que o início

dos óbitos causados pela Covid-19 trouxe consigo. Alguns por esse motivo, e outros por deficiência de recursos.

Que fique posto, por exemplo, que a região amazônica enterrou centenas dos corpos dos seus mortos no começo da pandemia em grandes valas comuns, não por desrespeito e desconsideração, mas por necessidade primordial de evitar a contaminação do contingente de pessoas ainda não acometidas pela enfermidade e pela ausência de verbas públicas para realizar enterros minimamente decentes.

Isso faz parte, sim, das políticas neoliberais que grassam pelo território nacional, impondo-se de forma cada mais potente, desde o início dos anos noventa do século passado. Políticas de retirada de praticamente todos os direitos sociais conquistados a duras penas pela população marginalizada, "descartável", na perspectiva da tão enfatizada "necropolítica". Entre eles, o direito à ciência, à hospitalização, à testagem, à disponibilidade dos equipamentos técnicos requeridos, à utilização dos equipamentos privados para atender às demandas da grande quantidade de enfermos, como reza a Constituição, entre outros amargos pontos.

A história veiculada de que a pandemia não era perigosa, que pode ter sido até criação de mentes perseguidoras, que era só uma "gripezinha", e que, para curar o possível mal, o indicado, além de um certo comprimido, seria a aplicação retal de um milagroso dispositivo, convenceu uma parte importante de pessoas. Incluíram-se aí, muitos profissionais da saúde, por considerarem essa versão como verdadeira e confiável, pese ser somente uma história contada com fins enganadores. Por sorte da própria vida dos brasileiros, não se tornou a única, no sentido em que Chimamanda aponta.

Mas nesse contexto de comunicação, à burguesia e aos demais entorpecidos, lhes ocorreu com certeza, e movidos por discursos oficiais, que tudo em termos da doença, nesse período, possa não ter passado de "histeria" e pior, "histeria coletiva". Que as pessoas se deixaram morrer aos milhares, acometidas pelo problema psíquico, conhecido na atualidade como Transtornos Dissociativos e de Conversão, o CID10 F44. A ciência tem até registro no manual que categoriza, rotula e patologiza gentes, de todos os jeitos e formas. Basta ser gente para caber num CID. Cuidado, em tempos de pandemia ou sindemia, as canetas andam ávidas.

Fala-se, agora, de sindemia, ou seja, um termo que remete a considerar a ampliação dos danos secundários à Covid-19, levando em conta outras patologias. O impacto disso à população considerada vulnerável são os desdobramentos da combinação de doenças, criando situações mais graves que as comumente esperadas.

Dessa maneira, voltam às pautas as discussões mediadas pelo exame das condições sociais da população, das condições materiais de produção e de reprodução da própria vida como imprescindíveis ao "tratamento" dos males decorrentes do novo coronavírus. Não se trata simplesmente de fazer diagnósticos e de prescrever medicamentos para cuidar do corpo "biológico", mas de encarar a doença social.

Nesse caso, não basta a restrição de contatos entre as pessoas, por exemplo, para evitar o nível de disseminação da doença, são necessárias medidas que enfoquem a realidade dos países que apresentam grandes desigualdades sociais e o próprio capitalismo adoecedor. Um outro lado da **história!**





A RESPEITO DE LUTOS

*Me da mucha risa
de ver a los muertos
tan llenos de vida
moviendo los huesos
Em un cementerio
tocava una orquesta
pues todos los muertos
andaban de fiesta (...)*

Caveirinhas literárias, México

caveirinhas literárias pra dizer
oferendas variadas
homenagens,
defuntos nos altares
adornos comestíveis, de açúcar e chocolates
pães especiais para a comemoração
incensos que chamam os espíritos
que podem, como borboletas, aparecer
flores e roupas coloridas
dançam memórias
vivências do coração

esqueletos de todos os tamanhos
em panos e materiais diversos
discursos sobre a felicidade
vida depois da morte
comemorações mexicanas
dia dos mortos
famosas, alegres: prosa, verso
músicas, filmes

na Guatemala, o festival das pipas no ar
no Haiti, o rufar dos tambores
querendo acordar o deus dos mortos
tudo aqui
latinoamérica a cantar
tudo para a vida festejar
coletivamente
dizendo da história

aos ancestrais louvar
fazendo valer o que foi
a derrota e a glória
o que é e quem sabe
um amanhã
solidariamente
herança de todas e todos

nas ruas, movimentar
"memórias de futuro"
ou "memórias
que permitem antecipar"

no coração de cada um
a dor e as diferentes formas
do luto
as perdas sofridas
revolvem sentidos do vivido
agradecimentos aos que "se foram"
falam de como culturalmente...
o coletivo é o palco da elaboração
das dores compartilhadas
esperanças conjuntas de renovação

para si, sim
mas para todas e todos
também
igualmente
se assim se pode
desejar

elaboração mediada
pelo valor da partilha
da herança que é social
que é geral que é história

de um amplo território
do social para o individual
que elabora o fazer, o sentir
o pesar e o pensar
e no coração do sujeito
voltar e novamente sair
pra vida andar
e futurar

nas festas dos muitos mortos
com a união
toda irmandade
talvez a sonhar
uma velha nova sociedade
da vinda daquele mundo
de respeito e felicidade









































*se somos Severinos iguais em tudo
na vida
morremos de morte igual, mesma
morte severina:
que é a morte que se morre de
velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia*
João Cabral de Melo Neto

e de vírus, aos milhares ...
mas na cultura, agora, aqui
onde o luto que corrói
cabe a cada pessoa dentro
por dentro, elaborar
como se fosse
uma tarefa só sua
tarefa própria, individual, de seu coração
no singular
dar conta
contar com poucos no social
abrandando tristezas e vazios
quase nos limites deste só

tristeza pelos vazios
da presença física
dos abraços
dos cantares
e o cheiro, o afago, o olhar
a escuta, a palavra, o sim e o não
que se espalham como ausência
na hora da derrota, do sucesso
da glória, da decisão
do medo,
de todo processo

como suporte para tamanha dor
não chega inibir o sentimento
falar, aumenta ou não
muito mais, uma dor?
angústia, medo
desesperança
perda do amor
buracos abertos, perda dos afetos

o imponderável traz desalento
enfrentar o desgaste, o cansaço, o desânimo
para que lado ir?
e que coisas juntar
que energias buscar
como se proteger?
o que a morte deixou para ver
que rumo seguir?

a festa, a balada, o passeio
academia, compra
dobrar o fazer
pra culpa não ver
o luto
faz alguém adoecer?
sofrimento, fadiga
cansaço, solidão
como preencher o grande vazio
qual a resposta a este não?
curvar-se ao destino
ao divino, ao azar
à omissão seja lá de quem possa ser?

precisa humildade
é coisa maior
que coisa maior (?)
que impotência isto desperta
cadê a força
cadê a vontade de lutar?
nada, nada
tudo é luto
ferida aberta
como a cicatriz desconsiderar?
como a isto agir
reagir, não fingir
e caminhar?

o tempo que carece
para tudo isto enterrar?
não é para enterrar?
com a falta conviver?
é preciso se reinventar

enterrar raiva?
nó na garganta
aperto no peito
vazio no estômago
na alma
enterrar boca seca?
cabeça girando
suor nas mãos
pernas bambas
lágrimas
muitas lágrimas
surdez
cegueira
ansiedade
medo
solidão
violência

enterrar revolta?
dor no peito
coração descompassado
coração despreparado
respiração difícil
dor de cabeça
explodindo
suspiros
ausência de chão
palpitação
tremura

deitar, dormir
levantar nunca mais
zumbidos no ouvido

enterrar náusea?
sensação de febre
dor sobre ombros
amargo na boca
dispneia suspirosa
fome incontrolável
perda de apetite
ranger dentes
visões
tensões

enterrar insônia?
entorpecimento
descrédito
corpo que coça inteiro
corpo pesado
corpo e choro contido
corpo desamparado
depressão
enlutamento?
luto
luto
luto
o luto
este luto
um luto
eu luto
a luta
esta luta
uma luta
luto, luta, dor

acolher, remoer
mastigar, arrotar
chorar a dor
cantar, dançar a dor?
experienciar o luto
abrigar o luto
abrir-se
respeitar-se
enlutar-se
restabelecer-se
querer-se
perdoar-se
reorganizar-se
organizar-se
reviver
refazer
viver

histórias novas
muito a disseminar
compromisso com a vida
reatar
não esquecer que o luto sempre
pede tempo para o doer
não dá para o sentimento abafar
liquidar
é preciso o silêncio
o ouvir de alguém
é preciso presença de alguém
é preciso com o outro criar
gestos justos
para o equilíbrio reencontrar



A HISTÓRIA DO ÚLTIMO LUTO

Uma vez me contaram uma história de um homem que morreu três vezes e três vezes o enterraram. Ele voltava, não aceitava ter morrido e ainda mais ser enterrado. Três vezes a família se abraçou.

Enterros compridos, caixão nas mãos, sol, chuva, flores, o sermão do padre, algumas velas. No cansado caminho, pedregulhos, rezas, cantigas, piadas e recordação. A cada passo a mais pesava - em cada um e em todas e todos da fila que caminhava para a morada final-, o peso da morte e o peso do luto. Estrada de chão batido, poeira, sede. Não tinha carro para levar o defunto, mas braço forte pra aguentar tamanha "carga", muito pulso para segurar a dor e se encarregar da falta.

As crianças acompanhando o cortejo, corriam, caíam, sujavam a roupa engomada para missa e enterro, riam e às vezes se assustavam. Uma delas perguntou à viúva: Mas por que se morre? Todo mundo morre? A senhora vai morrer, minha mãe vai morrer, e eu? Todo mundo morre, é a sina de quem nasce. Mas não dá pra não morrer? Mas se eu não quiser? Não adianta, morre igual. Na fila, alguns barbudos, outras de cabelos brancos e terço de missa na mão, umas faceiras e leves carregando flor vermelha, outras e outros corcundas com o peso da vida e outras e outros jovens e muito mais gente.

Ficou na moda e virou quase um compromisso comparecer a tais enterros. Dizem que, no primeiro deles, muito lamento se ouvia, depois quase nada se dizia e, já no terceiro, nem pensar, o povo, fofocar era o que queria. E a cena se repetia. A cada hora o morto novamente morria. Ao enterro e ao cemitério, o povo pra lá ia.

Com o tempo, algo muito sério aconteceu, cansados, amigos e familiares resolveram o ignorar, depois da última vez que ele reapareceu. Ninguém comprou caixão, nem vela, nem flor. A viúva não vestiu seu vestido preto ou seja lá o que for. O padre nem missa rezou. Olhavam pros lados, cantarolavam alguma modinha, assobiavam. Tinha apenas uns que espiavam, mas a ele não o encaravam. Foi aí que a coisa se deu. O morto, mais ou menos vexado, aquele que havia ressuscitado, depois deste fato, desapareceu.

Após o acontecido e que dele o povo já tinha se esquecido, ninguém mais na vila morreu. E também não mais nasceu. Mas o que é que aconteceu? Por que, parou tudo, por quê? Aí é que está, da questão, o quê! Foi descoberto que o morto não passava de um mentiroso, falsário, enganador, trapaceiro, desavergonhado, cara de pau, desaforado, enrolador, entre tantas outras coi-

sas feias. Apenas um conhecido seu, não mais que esse um, sabia algo sobre a questão. O grande segredo, segredado a ele a portas fechadas, sussurrado, lá embaixo de um porão.

Tudo isso porque o tal do morto que não morria, tinha o desejo de nunca ir embora, não. E do medo, do medo horrível da morte. Daquela caveira, de preto vestida e com espada que ceifa a vida. O que ele pretendia era ir se preparando, devagar repetindo e ensaiando, pra caber no seu coração, a sua própria partida e ajudando os outros na dor de sua despedida... Mas todos concluíram que ele era e estava, na verdade, muito vivo, sempre, que o que gostava era de zombar da morte, desacreditar do luto...

Somente o amigo, do medo sabia, sabia que como ele, toda a gente se preparar devia, rasgar o coração, queixar-se, lamuriar-se até dar espaço pra voltar a alegria. Não suportando ver tanta gente com choro trancado e no poço se afundando, abriu a guarda e foi, baixinho, contando. De boca em boca, a coisa se espalhou e foi, nesse momento, nesse exato momento em que o segredo se desvelou, que um sábio do lugarejo revelou: com o ciclo da vida não se brinca, não, que isso não é entretenimento, nem distração.

Precisa de um certo olhar e um certo sentir pra acontecer o que se quer e precisa frente a uma perda: simbolizar, elaborar. E a vila inteira, assim, se entristeceu, se confortou, se acolheu, sofreu, se enlutou, um com o outro colaborou, e a questão se resolveu: dizem que assim, com o passar dos dias, muitos mortos morreram e foram, de verdade, enterrados e chorados.

E sabe o que mais? Quebrou-se a magia e muitos bebês nasceram, cresceram e um dia... Nessa hora todas e todos lembravam do sábio que disse do ciclo da vida. Que dói, que o começo e o fim são pontos de uma só chegada e partida. Com isso, as pessoas do tal ciclo falavam e entre elas se confortavam. As crianças, em brincadeiras, o encenavam, e na escola até o desenhavam.

Só o bêbado do bar, em suas visões, via algumas vezes por lá aquele morto que não morria e a ele, pelo feito, agradecia. As senhoras rezavam, o padre, cumprindo sua tarefa, benzia. As moças e os moços, bem... e, assim, na vila, a vida seguia... Com tristeza, com alegria, pois todos aprenderam que, na moeda, essas faces se fazem companhia.



























O LUTO E O LEGADO DE AMELINHA

A notícia surpreendeu a todas e todos. Nota de falecimento: "Morre, subitamente, D. Ziquinha, aos 52 anos, deixa algumas sobrinhas e uns quantos sobrinhos. Será velada em sua própria casa e enterrada no cemitério local, pontualmente, às 16 horas do dia de hoje. Nossas condolências à comunidade". Sim, está certo, ouviu-se bem, à comunidade, porque essa senhora era, já, devido à sua presença tão expressiva, uma figura pública.

Animada, faceira, conhecida e querida por todas e todos que sabiam de cor, e não se sabe se salteado, o lugar de sua morada, chegara ao fim de sua "jornada" (o que dispensou esclarecimentos relativos ao seu endereço, com rua, número e bairro, na comunicação irradiada pela emissora da pequena e fraterna cidade sobre o acontecido). Ninguém esperava isso, por nada.

Foi um alvoroço, em minutos, todas e todos já sabiam da notícia e corriam para prestar suas últimas homenagens à famosa e encantadora doceira. Sabores e cheiros de quitutes sempre garantidos, apreciados e divulgados de boca a boca entre todas e todos clientes. O motivo era simples, antes de chegarem aos destinatários das muitas encomendas, um bocadinho, uma porção do doce passava pela própria e apurada, em gosto, boca da dona doceira.

Ainda sobre os doces, vale salientar, que era quase que por dever de ofício que Ziquinha experimentava, sempre, tais porções (doces caramelados, fritos, assados, com calda abundante, em açúcares enrolados...), o que acarretou um certo aumento de quilos, mesmo a contragosto, da chefe do estabelecimento, e no aparecimento de curvas nas formas que foram pouco a pouco, arredondando.

Tornou-se famoso, também o seu paladar que definiam como requintado, fino e bem lançado. As comadres que, no mais das vezes, se autoconvidavam para o café da tarde na casa dos doces, disputavam agendas para garantirem o seu bocado.

Só Amelinha, amiga quase irmã, por assim dizer, de tão próxima, conselheira e também confidente, sempre ao lado de Ziquinha nos desenlaces dos amores, não carecia de agendamento, de marcação de hora. Entrava, abraçava a amiga e ia logo ao bem bom: era a segunda provadora, na ordem de importância junto à árdua tarefa de degustar e avaliar os produtos mais novos e sofisticados, de receitas vindas de fora e que faziam a fila "dobrar a quadra" nas imediações da porta da casa de doces.

A placa caíra, mas nem repostada fora, já estava marcado o lugar de tal forma, que era só pensar nos sabores e nas cores desses produtos que as interessadas e os interessados podiam chegar lá até de olhos fechados.

Amelinha foi muito significativa para o sucesso da amiga. Pessoa exigente e crítica, com algum estudo sobre finezas e enfeites, palpitava em tudo: no vestido da doceira, no penteado e até na decoração do ambiente. Da qualidade dos doces à apresentação, nem se fala, era demais de competente na análise e na aprovação. Também, quando sozinhas, compartilhava com Ziquinha muitos de seus segredos, saudades, desejos e queixas dos rapazes da cidade que preferiam moças modernas, ainda que "sem cabeça", segundo o seu julgamento, mesmo sabendo que não era bem assim e que as moças não eram nada disso. Enfim...

Resulta que, nesse fatídico e enlutado dia, na pressa, a vizinhança, comovida com o passamento da importante senhora, não lembrou de Amelinha, que, justamente nessa data, excepcionalmente, estava recolhida em casa (janelas e portas fechadas, cachorro na corrente, varanda sem ouvir os cantos do sabiá que, diariamente, ali tomava sol em sua linda gaiola, nenhuma peça estendida e secando no varal).

Entristecida com a carta de um grande amor que confessara ter se casado com outra, fechou-se em casa como que se houvesse fechado para a vida. A uma certa hora, no entanto, por mais que apertado estivesse seu coração, por mais embaralhada que estivesse sua razão, e quase já por vício, no momento próximo do lanche, seu estômago acusou saudade de Ziquinha, amiga do peito, a safadinha.

Como de costume, dirigiu-se ao velho endereço conhecido e por demais de sabido: elegante, calma, bem vestida, penteado irretocável, algumas joias falsas, sapatos de salto, passo a passo, já antecipando e sentido o gosto daquilo que a estava esperando. Depois daquele amor da carta, eram os doces, quase que o motivo de seu viver. Lá, na mesa com toalha de bico de crochê, porcelana quase nobre, mastigava as doçuras lentamente, engolia devagar, só pra alongar bastante aquele indescritível prazer. Apesar de algumas observações negativas quanto ao estabelecimento, sua proprietária e ao fabrico das guloseimas, coisas guardadas no seu mais profundo íntimo, os doces valiam qualquer esforço.

Ao se aproximar, reparou que havia um certo movimento em torno do local para onde caminhava, mas não estranhou muito. Concluiu que a danada da Ziquinha, por certo, receita nova tinha ido pra cozinha aprontar. Mas qual não foi sua surpresa quando entrou e viu que, em vez de mesa posta, ali, estava num caixão, a amiga a descansar. Nem doces, nem chá. Impossível não se desgostar e acolher sem desespero o grande desconforto frente à frustração.

Sem mais coisas a fazer, iniciou, então, seu ritual de despedida. Aca-rinhando a amiga e debruçada sobre seu peito, gritava palavras de desespero, da lacuna e falta que sentiria, dos laços de profunda amizade, entre outras lamúrias. Casa repleta, apinhada, bem dizendo, outro lugar não cabia à Amelinha senão aquele que lhe impusesse quase se aninhar sobre a morta.

A casa dos doces era feita de madeira, muito antiga, herança deixada pelo pai da doceira. Com cortinas, almofadas, tapetes de crochê, colcha de cetim, de herança deixada pela mãe. De repente, entre um soluço e outro e entre os passos da cozinha à sala por onde passava a bandeja de café sem qualquer sinal de doces, começou a aparecer o som de alguns estalos.

Inexplicáveis, improváveis serem da casa, a madeira era boa, de lei, construção de primeira. Mas não deu outra. Com a intensidade da movimentação da amiga da finada e o peso da multidão, o assoalho desabou. A primeira a deslizar pela madeira encerada foi justamente Amelinha, seguida por Ziquinha e depois pela urna funerária. Entre almofadas, tapete, bandeja, bule e flores, é claro!

E foi lá debaixo, do porão, que daquela famigerada pilha começou a se desvelar a surpresa maior, talvez bem maior que a do óbito ocorrido. Amelinha, desviando o fio da sua narrativa penosa, em vez de seguir lamuriando a falta e a saudade que já se antecipara, vociferava coisas que a plateia presente nunca imaginara ouvir. A palavra socorro, repetia-se e cotejava-se com outras inimagináveis: maldita, gorducha, comilona, tirem essa praga de cima de mim, nunca soube se vestir, esgadelhada, eu nem gostava dos seus doces, só comia por obrigação! Bem feito que a morte te levou e muitas outras barbaridades. Que amizade era essa, todos se perguntavam?

Com o alarido e o sufoco, Amelinha, que estava na verdade sua própria morte pressentindo, mais berrava. Pensava que ninguém a estivesse ouvindo. Assim, mexia-se na pilha Ziquinha e também a urna, o que dava a impressão de ressurreição. O povo, espantado, corria, voltava pra confirmar, chorava aos

prantos, mas também ria aos quatro cantos. E Amelinha, lá, pensando que estava morrendo, que também chegara a sua hora, esse momento horrendo.

Com muito esforço, mulheres e homens removeram os cacos de madeira e tudo mais até reencontrarem a dona das queixas que, em seguida, se recompôs: alisou o vestido, retocou os cabelos, fechou sua bolsa de verniz, vermelha, tendo nela acomodado, antes, tudo o que se espalhara sobre a amiga falecida e que estava de partida. Com todas, todos e tudo nos seus lugares, deu-se início ao enterro com os mais diversos e intensos cuidados: os possíveis e os impossíveis, para não abrir, mais do que já estava aberta, a ferida.

Conta-se que, depois, tudo ocorreu na mais santa ordem, ficando a lição para as pessoas enlutadas. As de verdade e as outros. Amelinha, depois do fiasco, "levantou e sacudiu a poeira". Rasgou a tal carta do amor perdido, abriu a casa, plantou o jardim e não quis mais saber daquela vida pacata, submissa e não sei o que mais. Fez as pazes com a amiga finada quando se deu conta de que aquilo que a incomodava não era o cabelo, o tipo de vestido que ela usava e tal e coisa. Era, mesmo, o fato de Ziquinha ser tão forte, criativa, comunicativa, lidar tão bem com suas amizades permanecer, ali, sem olhar para os lados e ver que enquanto saciava as vontades de adoçar os bicos de uma parte do vilarejo, muitas pessoas dos arredores não tinham nem o que comer. Herdou todos os pertences da cozinha de Ziquinha, regalo de sobrinhas e sobrinhos, bem como umas toalhas bordadas. Além de algumas receitas.

Foi com isso e depois de muito pensar na vida e na morte da amiga, na sua própria e na morte em geral, que sua vida recomeçou. Amelinha se reinventou. Propôs luto comunitário, abraço comunitário, muitos encontros para choro conjunto, uma vez que não é a sós que a dor passa, mas com todo mundo junto. Luto falado. Luto cantado. Luto dramatizado. Luto escrito em outras histórias. Luto em livros. Luto em experiências de outros pessoas. O que vem com o luto? O que fica? O que, com o tempo, é lembrado? Foi o que aprendeu e ficou como legado.

Nesses encontros, conheceu muitas pessoas do local. Umas e uns que iam muito bem e outras e outros que iam muito mal. Isso muito a intrigou e a reunir mulheres na sua casa para juntas cozinharem, passou. Enquanto trabalhavam discutiam coisas como solidariedade, jeitos de ver como as coisas acontecem na sociedade e o porquê delas. O morrer, as desigualdades, as disparidades e o querer, para todas e todos, uma outra forma de viver.





A ROUPA DO LUTO

no luto, o preto na roupa
era costume, um ano
para a viúva, roupa fechada
alma fechada
vida fechada
aos homens, antigamente
faixa preta na manga chegava
qualquer roupa
além dela, ele usava
e normalmente dava
ninguém reparava

como assim, mas por quê?
na roupa da mulher
dá muito bem pra ver
a quem cabia o encargo
entre um e outro fazer
muitos e muitos outros
o legado de carregar só
este fardo

na luta do dia a dia
mulher com mulher queria
se unir e arrancar
do externo, da roupa, o luto
é lá de dentro porque outro jeito não há
de lá arrancar
a dor
e o enlutamento processar
mais do que igualdade no direito à roupa
no corpo a mesma roupa
os corpos vão revelar
que se inscreve em cada olhar
algo que fica nisso
não como meia responsabilidade

como repasso de um compromisso
que é da universalidade
mulheres homens
homens e mulheres
comprometidos com tudo isso

muita luta em conjunto se deu
muita roupa rasgada
o sentimento é o um só
é o mesmo com aquilo que aconteceu
a roupa é uma só,
preta, outra cor, branca, qualquer
mesmo direito é o que se quer
é preciso questionar
se atrever e transformar
oprime a todas e todos
é preciso considerar

nada de mulher sentimental
amorosa e etc. e tal
valentia reconhecer
direito ao homem de se entristecer
e direito à mulher de se fazer valer
"herança" retro alimentada
não é assim, não é coisa dada
é social
sujeita a ser transformada
o ideológico no cotidiano acontecendo
uma racionalidade acontecendo
uma batalha acontecendo
até a morte ensinando
descolonização se dando

LUTO E CIÊNCIA

na pandemia
negar a ciência?
se submeter aos negacionistas?
mandar o povo pra morte?
deixa o povo sem norte?
medicamento que não funciona?
congelamento de verbas
sucatear saúde pública
ciência, testes?
população de risco
profissionais da saúde
descartar isolamento
apologia à não doença
gripezinha?
milhares de mortes
ciência, vulnerabilidade,
distritos sanitários sem médico
indígenas
negros
periferia
fome
desamparo

planejamento coletivo ausente
a morte? Já ia ser
a noção do individualismo
foi pauta pra pensar
orientar
a saúde
a doença
sem o social considerar
individualizar
para o estado não responsabilizar
fragmentar poderes
dizeres

grupos de pessoas
categorias, classes
colapso
das redes, dos corações
negação da constituição
e do viver de todas e todos
a razão
e daí?
e daí?
e daí
daí
daí, ocultamento de dado
alguns não são gente, são gado
quem morre?
quem morre pobreza

é proibido enganar
é preciso saber e chorar
saber cuidar e querer
cada lágrima acolher













LUTO E LÁGRIMAS

*O que dá pra rir
dá pra chorar
Questão só de peso e medida
Problema
de ordem e lugar
Mas tudo
são coisas da vida*
Canto chorado, Billy Blanco

"Enxuto de lágrima, o velório; defunto chato e simplório".

A lágrima, substância líquida e contínua, é presença assegurada em qualquer velório. Brota sem que se queira, percorre o rosto e escorre, às vezes, até o chão. Molha os corpos! Expressa um sentimento que é, em certos casos, sincero e remete à tristeza, à solidão, ao desamparo. Em outros, é usada para fins diversos, que aqui não interessa falar, nem mesmo aquele que cumpre o dever de chamar atenção ao que as expele ou de comover plateias para dizer do sofrimento. É plástica, pode ser de alegria ou contentamento, adquire ares tanto de martírio, tanto de dor, como, em outros momentos, até de violência.

Certa vez, fui a um enterro cujo velório não contou com presença de lágrimas. Nele, para além do terrível preconceito quanto ao morto, chato e simplório, não houve choros. Constatando o fato, eu mesma me esforcei, sinceramente, para chorar. Falhei! Não consegui. Impossível querer dissonância nessa hora, mesmo detestando certas concordâncias ocasionais.

Mas a grande questão de não chorar uma morte e ter consciência de que o fato está prenhe de heranças sociais – quem são os mortos chorados e os mortos não chorados – segue presente e me acompanha até hoje. Virou um fantasma que aparece volta e meia e sem lençol branco. Aparece, mesmo, é de forma nua e crua, tanto como sentimento, quanto como interrogação teórica, política.

Um enterro enxuto é muito pesado, acho até que se torna desrespeitoso, considerando a falta total e absoluta de suspiros, por exemplo. Desrespeito tanto a quem ao féretro comparece, como ao próprio defunto que naquele lugar, sem ter tido a menor chance de escolha, teve que ficar. Esse tipo de evento é, por assim dizer, arrasador. Parece não abrir lugar para o luto. É extremamente difícil administrar! Não tem ego que suporte tamanho torpor! Além de colocar na cara daqueles que ali se encontram muitas perguntas por se caracterizar dessa, e não de outra forma, tipo aquele enterro do doutor.

Ao contrário, um velório com sentimento expresso, visível, molhado, caloroso em lágrimas, abraços, memórias de quem partiu e que, além do mais, tem reencontro de gentes que há muito não se viam, é outra coisa. Enfim, é algo dinâmico, vital. Há trocas de afetos, ressuscitar de pensares e sentires diversos de acordo com as interações e interlocuções ali entabuladas.

Fala-se do passado com os olhos já no futuro. O presente é o da dor do aqui e agora, do que se está vivenciando de coração ferido, há luto. E, ao mes-

mo tempo e na mesma hora, há, também, projetos de rearranjos da vida sem a presença da pessoa que se foi. No luto, gestam-se amanhã possíveis.

Claro que não estou falando daquele tipo de enterro que tem até choradores e choradeiras com lamentos encomendados, contratados. Falo daquele defunto chorado porque muito amado e respeitado. Falo daquele defunto chorado porque injustiçado, massacrado, de vida descartada, matada muito antes da queda fatal do seu corpo. E que pede muito luto. Luto social! Luto político!

Uma coisa que acontece em tais amargas situações de enterros sem lágrimas é a vontade rir que me acomete. Eu sei, muito por ansiedade, afinal, o que está em pauta é a morte e aqui, no ocidente, a maioria lida muito mal com isso e eu não fujo à regra. Há, sempre, umas e uns que contam piadas, que riem à toa daquele sujeito que entra no velório errado, do outro que tropeçou na coroa de flores, daquele que se engasga comendo uma balinha, daquele que esqueceu de tirar o chapéu (os homens devem entrar sempre sem chapéu, dizem).

Eu, particularmente, acho interessante e louvo quem trouxe o riso para tal perplexa situação. Penso que a intenção foi nobre e necessária ao ritual, uma vez que abre um espaço para o fôlego e para refletir sobre a ironia que se faz presente numa hora dessas, na qual é impossível não se deparar com as disparidades das vidas dos mortos que são chorados ou não.

Permite tomar um ar, desamassa o coração enrolado com a penúria da perda, tanto do viver quanto do morrer. Num enterro sem lágrimas, os corações parecem estar congelados, paralisados. Aí, parece que só o riso pode chacoalhar. Eu chego, até, a acrescentar e enfatizar que é saudável: abre os olhos, mexe com a cabeça. Desarma as mentes perplexificadas com a contradição.

O riso, de certa forma, ajuda a elaborar e a vislumbrar a amplitude da coisa em questão e suas arestas. Deixa ver e sentir o movimento que faz pulsar a caminhada das discriminações, das desqualificações, das violências e sobre quem elas recaem. Assim, quem olha para o caixão vê que quem está ali é mais que uma morta ou um morto, é a humanidade dividida em quem tem direito a direitos e quem, com isso, não pode sonhar. Às vezes, aplaca um pouco o medo, outras vezes aumenta o medo que se cria ao se pensar nas condições de vida devido às classes sociais.

As piadas não substituem as lágrimas, embora possam assumir lugar de destaque nesses locais e, eu, se autoridade, proibiria velórios e enterros en-

xutos e os motivos de seus eteceteras e tais. Se tiver que rir, pois bem, que seja. A opressão é tão calejadora e violenta que, às vezes, suprime lágrimas, endurece a alma, rouba soluços, confunde e mistura o choro com o riso.

Num velório enxuto, o que mais me custa é ver o tempo passar. Não há comparação que se possa fazer entre um e outro. O das lágrimas é dinâmico, empurra pra frente, ao passo que o enxuto é algo quase da alçada da coisa marasmática. Quer saber por quê? É só correr os olhos para os lados: todo o mundo com cara comprida, face sem expressão, já do tipo "morte em vida". Coincidência?

A saída do cemitério é uma procissão de cabisbaixos, mortificados, quase que olhando só para o passado, engolindo o presente, parecendo não respirar perspectivas. É doloroso. Cruel, aliás. Nada a ver se o morto era chato: é uma vida perdida, gente! E as pessoas não são chatas sozinhas, o são com os amigos que lhe fazem par no exercício da chatura, basta lembrar que "uma andorinha só não faz verão". E, simplório? Já viu, né? Bem aquela coisa da burguesia estigmatizante. E, depois, essa vida que se foi, ou que já tinha ido antes dessa morte, precisa ser honrada com garras e lutas para virar o jogo das desigualdades.

Não há como se eximir, não tem alibi, não. Então, tem que chorar e, se precisar, pode gritar, é um pedaço teu que se foi. Muita lágrima! É um a menos para quem dar a mão e não soltar no caso de apuros autoritários, opressores, racistas, sexistas, xenofóbicos, reacionários... O que não pode, digo eu, é realizar as máximas dominadoras que determinam a presença ou a ausência de choros, é ficar com aquela cara de quem está em cima do muro. Não sabe pra que lado vai porque não sabe nem quem é nesse mundo velho sem porteira. Nem sabe muito bem, nem tem clareza de que lado brigar. Luto e luta! Enterros enxutos, sem lágrimas? Há quem recomende, fortemente. Eu, não!
e a perda destes milhares da pandemia
visíveis, invisíveis

LUTO SOCIAL

os conhecidos
próximos, distantes
de um mesmo lugar
desconhecidos
tamanha tarefa caberá
num singularíssimo coração?
cabem milhares num só peito?
dará conta disto um só sujeito?
a envergadura da dor por ser
da morte (im)palpável
por ser morte coletiva
será ali hospedável?

um dia a dia de morte
um dia a dia de vida
sentimentos misturados
mesclando o começo com o fim
e o reverso
também, fim e começo
começo, bem assim
morte, vida, regeneração
mas com muita ferida
olhado de uma certa distância
dá para ver
o encontro da humanidade
com o ciclo do viver
não é questão individual, portanto
é coletiva, de todo o ser
na pandemia (sindemia) o luto será social
não é responsabilidade individual
não é questão para ontem
é urgência
corações danificados
pandemificados
é iminência

ligar-se, ainda que pela dor,
na perspectiva que separados,
divididos quanto ao sentir,
é deixar
coisa ruim acontecer
para produzir mais sofrimento
todo o mundo ficar tomado
desorientar-se
como enlutado
negar mortes aos milhares
não conviver com tamanha tragédia?
não ver
esquecer
como carregar um luto coletivo?
que ritual precisamos por este motivo?
tamanho penar não dá pra naturalizar
achar que nada vai passar

é ilógico morrer assim?
morrer tanto
tantos?
descaso
descaso
descaso

nunca se é o mesmo
verdade
depois de uma perda se dar
o que muda é o como
em cada um
em qualquer idade
a perda irá se alojar
o sofrer
sem dúvida

irá se apresentar
impossível desconsiderar
impossível não pensar
isto tudo vai passar?
sem ferir e violentar

ver o que este luto em nós vai causar
criar espaços para se apoiar
ver o que acontece
se ninguém se enlutar?
nesta experiência
não é só luto
particular
saiu
do universo particular
particular
é do mundo todo
de cada nação
independentemente do lugar
o que voga é a emoção
o coletivo, as faltas
recuperação

que energias este imenso buraco
sugou?
levou?
luto social
cadê este luto?
sequestrado
sequestrado
sequestrado

deixar o luto de lado?
os enterros?

o olhar caminhando rumo aos cemitérios?
depósito de urnas, impasse!
no mais das vezes, virtual
há que processar, não pode ser igual
dos costumes, tem desenlace.

covas coletivas
corpos anônimos
sem direito à despedida
visitas aos, pelo vírus acometidos,
pelo olhar do câmara do noticiário
enterros que englobam o globo
que rastros vão deixar?
o que retrata
vai além e aquém do quê?
o que acrescenta?
transforma de verdade?
e os silêncios de tantas bocas?
de tamanha envergadura?
as lacunas
as lembranças?
transborda, sangra
transbordamento
isolamento
lamento

em tudo isto, outra potência?
paradoxal, luto, luta

LUTO, LUTA

luto propõe luta
gatilho para a vida
abraço comunitário, luto
fazer face à tensão, luta
pra não fica com dor esquecida
sem saber o lugar onde está escondida
reprimida, luta
reprimida
reprimida

luto nacional
luto geral, luta
luto descomunal
luto sem igual, luta
luto desigual, luta
luto desigual

luto monumental
caixões de ouro
de material duradouro
caixões barateado,
luta
caixão de material desqualificado
cova especial
vala geral, luta
vala geral

VALA E LUTO

Musicado por Chico Buarque de Hollanda, o poema a seguir nos fala daquilo que se "poemou" acima: desigualdade como retrato das feridas sociais, das desqualificação de quem tem "carne pouca", carne mal alimentada. Carne que dorme nas ruas, carne de quem tem casa embaixo da ponte, carne sem escolarização, carne de quem nunca conheceu o seu pai. Carne que mal tem nome, carne que não conhece os seus direitos, carne de quem trabalha para enriquecer os outros, carne de quem nem trabalho tem. Carne negra, carne de índio, carnes dos femininos. Outras carnes... Carne sem cuidados de saúde, carne do tiro perdido, carne do tiro mandado, carne do tiro atirado, carne do estupro, carne da prostituição, carne desprezada, enxovalhada, maltratada, cuspidada. Carne de defunto pouco. Carne da vala.

*É uma cova grande pra teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
É uma cova grande pra tua carne pouca
Mas a terra é dada, não se abre a boca
(Funeral de um Lavrador, Chico Buarque)*

Vala geral
Vala geral
Vala que enterra corpos e corpos
de sonhos perdidos
desejos não atendidos

utopias?
distopias!
sentimentos ignorados
falas não escutadas
escutas eliminadas

bocas caladas
pedidos não reconhecidos
pra que cruz?
pra que data?
data vale somente

para aquele de uma
certa história
dita oficial

*São cruzes sem nomes
Sem corpos, sem datas
Memórias de um tempo...
(....)
E o tempo
De obscuros personagens
As passagens, as coragens
São sementes espalhadas nesse chão
(...)
Dos humilhados e ofendidos
Explorados e oprimidos
Que tentaram encontrar a solução
São cruzes sem nome
Sem corpos, sem datas
Memórias de um tempo...
(....)
São vidas que alimentam
nosso fogo de esperança
O grito da batalha
quem espera nunca alcança...
(...)
E vamos à luta...
(Pequena Memória para um Tempo sem Memória, Gonzaguinha)*

LUTO E NOVOS TEMPOS

E vamos à luta! Para arar os nossos coração e, quem sabe "sacudir a poeira", semear resistências e colher deste chão bocados de vida digna.

Uma vez que, marcadas por indignidade, tivemos muitas e muitas vidas perdidas, sofridas, vamos à luta. Antes, agora, nestes meses da pandemia do coronavírus e depois, quando o mal chamado novo normal escancarar que novidade nenhuma fará mudar ou eliminará a avidez pelo lucro, a fome do mercado divinizado, a ânsia rentista. Todas aquelas e aqueles que não couberem no normal do novo normal, continuarão ser descartados, discriminados, rotulados, patologizados, afastados, periferezados e eliminados.

Os novos tempos prometem vida nova? Como? Se nem a comoção mundial com choros chegados aos quatro ventos tocaram nos mandantes do país? Nem o alto índice de mortalidade foi suficiente para dobrar a hostilidade reinante nos meios capazes de, pelo menos, mobilizar compaixão? Solidariedade?

Nos hospitais, os doentes, convivendo com os males da doença do vírus e suas ameaçadoras complicações, tinham agravada sua pesarosa situação: criada pelo isolamento necessário, do sofrimento com a desinformação sobre a própria doença que tinha e tem sua dinâmica ainda não esclarecida pela ciência (o processo lento, exigido pela novidade de seus danos, muitos estudos, constatações que desestabilizam antigos achados, publicações...) e com a falsidade das divulgações das narrativas daqueles que compunham e compõem o grupo dos negacionista de toda essa história.

corpos doentes
isolados do convívio familiar
sem visita, sem contato com os seus
dividindo seu cotidiano com corpos que desapareciam
com corpos que tinham estado, também
habitando parafernalias plastificadas
num mundo à parte!

corpos que ameaçavam cuidadores
profissionais de saúde
médicos e paramédicos
corpos a quem lhes faltava o ar

corpos cuidados
corpos que se vinculavam com pessoas
das lidas e rotinas do internamento
que de repente sumiam
os abandonavam
corpos cuidadores que também morriam
quebra do vínculo
ainda que mascarado
roupa especial
luvas que impediam contato das mãos
a mão na mão, o calor da mão
a pele da mão
os vínculos se desfaziam
que tipo de abandono?
também pela morte pela temida Covid-19?
também!
impossível compreender
abre-se um buraco
acumula-se algo mais
a culpa por ter exigido aproximação
terror de “ter matado” a sua/ o seu protetora/ protetor
desolamento total
coração consternado
desespero
tristeza
dor
raiva
depressão
luto
falta de forças
para resistir
re-existir

corpos acamados, com respirador
demais mascarados

máscaras
mascaram o quê?
porque mascarar?
para proteger
para separar
pra poder se chegar

O que mostram?
escondem
denunciam
camuflam
expressões
sensações
percepções
sentidos
o susto
o pavor
a desesperança

nos bastidores
na diretoria
na presidência
na burguesia
a roleta
roda, roda
quem morre
quem vai
quem fica
velhos
deficientes
incapazes
vagabundos
e muitas e muitos mais
roda
roda a roleta

números viciados?
"tinham que morrer"
"já iam morrer"
"um dia tem que morrer, ora!"

jovens, crianças
trabalhadoras, trabalhadores
artistas
a roleta não poupou
mais do que os mercados levou

descrédito
violência
invasões em hospitais de campanha
não suprimento de falta de leitos
vagas no setor privado não acionadas
matar deixar morrer
violência
descrédito na vida
desconsideração
genocídio
desumanização

LUTO, LUTAR

ar

respi **ar**

distanci **ar**

problema tizar

confer **ir**

defront **ar**

re **conhece** r

estra nhar

de **cifra** r

inter **rompe** r

sus pender

com **bate** r

pre **ferir**

envolve r

super **ar**

trans **forma** r

intensi **fica** r

inter ferir

pro **move** r

aproxim **ar**

dissemin **ar**

o **corre** r

re **passa** r

congel **ar**

com **corre** r

entre **corta** r

desen **raiz** ar

form **ar**

conta giar

desconta giar

aparta r

distancia r

arreda r

desagrega r

abrir

vir

Ar, ar, ar para o **problema** poder enxergar, circundar, porque mais longe eu preciso **ir** com o meu olhar.

Ar, todo mundo **conhece** o peso que essa coisa **extra**, pandêmica, causou e causa e que associada a muita **cifra**, negação, **rompe** com uma desejada humanidade querida, defendida, buscada, lutada, conquistada e perdida. São afetos que transitam entre a morte e a derrota de muitas e muitos que seguem na busca de vidas dignas.

A perda de direitos já assegurados também precisa de luto porque traz em si a renovação da impotência frente ao poder do capital. Confinamento de corpos, como exigência da pandemia, e confinamento da coragem para novamente seguir lutando, quem sabe! O clima parece impor o desânimo, o luto às vezes promove a luta, mas às vezes a aquieta. A vacina não chega, inquietação!

Os incêndios criminosos devastam e destroem florestas, matam animais e gentes. Poluem o ar. **Ar**. No pacote dos lutos, rearranjos para não sucumbir, para não mascarar o que está por trás, e por todos os lados de uma imensa parcela da população cujas vidas não importam. Ou melhor, importam porque são quantidades e modos / tipos de vida que devem ser "desaparecidas" para não atrapalharem, lentificarem, poluírem a marcha e rumos da dinâmica da sociedade desigual. Do capital!

No mesmo contexto de desolação, as novas tecnologias ganham espaço no caldo "necropolítico": fazem mapas que identificam, localizam corpos físicos e seus territórios, aqueles que passam a ser considerados como de manipulação urgente e necessária. Os algoritmos, receitas precisas, mecanismos e cálculos precisos, não ambíguos, junta ingredientes quase que divinamente perfeitos: chega às mentes, **bate, envolve, enforma e fica**.

A realidade digital está espalhada, atingindo todos os continentes, abarcando a todas e todos, sendo pandêmica, portanto. Preocupa tanto, nesse momento, quanto uma doença. A "big data" condiciona vidas humanas aos seus mandos: comunica seu conteúdo, alimenta aquela e aquele que as recebe, cria gostos, atende e volta a alimentar o fantasma que criou. Dissemina uma forma de viver na qual o **interpessoal** é objeto de controle considerando diversas combinatórias, sequências, programações, lógicas, definições... O intrapessoal sucumbe.

A conectividade nas redes sociais criou outro mundo e ele, o digital, tem na palma de sua mão outras redes, as dos relacionamentos, dos sentimen-

tos, dos presentes agora vividos e dos futuros que daí virão. Tudo é codificado, manipulado e usado sem a mínima transparência, sem os consentimentos devidos por parte de quem utiliza a tecnologia: a quem a posse dos dados e informações pertencem; a quem passa a ser submetido ao controle de projetos de grandes empresas capitalistas que encontraram, aí, uma enorme fonte de rendimentos e dominação.

Mas há uma diferença gritante, tão perigosa quanto poderosa entre as epidemias: a causada pelo novo coronavírus tem em seu comando um vírus, algo sem vida própria, e a pandemia das redes tem em seu comando pessoas, seres humanos altamente treinados para monitorar, regular psicologicamente, mentalmente, tornando a vida das outras e outros, própria.

Ar, ar, é preciso ar, muito ar, é preciso arejar cabeças, corações e corpos como coisa única, como coisa de gente, como gente. Cada um **corre** o perigo! Todas e todos correm o perigo...

Ar para os doentes nos hospitais, ar para os profissionais da saúde, ar para a terra, ar para tragar a verdade que esta pandemia que adocece pelo vírus muito tempo ainda por aqui vai ficar, ar para discernir, discriminar, chegar ao alvo das redes, plataformas e tudo mais que transformam humanos em fantoches. Perfeitas marionetes de fios invisíveis! Ar, para com as pandemias guerrear.

A das redes sociais, como a outra, **corre** e **corta** mundo de maneira sorrateira e letal com sofisticados jeitos de cooptar. Redes de máquinas que criam redes de seres humanos. Controle dos sujeitos e da sociedade. Depois da decisão daquilo que esses sujeitos podem querer, ouvir, sentir, desejar, planejar, a dosagem de seu "vírus" para que dependam e se viciem nele e andem por um caminho que não podem elegeer.

Sujeitos e sociedade, sujeitados. Coincidência entre as pandemias? Haveria uma relação entre ambas? Houve capitalização para certos fins da coexistência de ambas? Questões, nada mais que isso...

A privacidade também morreu. Sujeitos públicos privados, ironicamente. Novamente, será coincidência esse acúmulo de pandemias no planeta, terra do capital?

Corta, arrasa, **corre**, corta o mal pela **raiz**. Consciência, sabedoria, resistência, muita briga. **Ar**, vai ficar muito cara essa **conta** e não restará quem dê conta de tamanho fardo. Se dizem, **desconta** dessa equação o que é possível,

sai dessa armadilha, **aparta, distancia, arreda** esse fardo, que tudo isso **desagrega** é, então, preciso contrapor a isso outro horizonte. As condições materiais não estão dadas, é certo, mas é preciso re-existir. Compor "pandemias" coletivas de enfrentamento, pandemias que coloquem em confinamento definitivo a aposta na impotência frente a ameaças tão descomunais.

Agora é tempo de luto. Depois das vivências de perdas, sejam elas quais forem, ninguém é igual ao que era antes. É o luto, o reconhecimento da mudança que pode dar voz para os enlutados abrirem novos caminhos. A dor custa muito para sumir, mas a sua forma vai se transformando e pode produzir energias para criar e recriar. Invenções coletivas retornam como possibilidade de reinvenção de cada uma e cada um ao mesmo tempo que engrossam pilares coletivos que resistem, insistem...

Outra questão significativa a ser considerada: a máxima de que na sociedade em que vivemos, o que é considerado como não normal, dentro das suas medidas e formas, é alijado. Esse, é o país do carnaval, do reino da alegria, da fantasia, tanto como cartão de visitas para o restante do mundo, quanto algo que atende ao fato de que lágrimas e tristezas não cabem na normalidade dessa vida social. Não, como ação coletiva. Pode caber nas singularidades e já é demais! E para que choro, o entristecimento e o luto se "nem está acontecendo nada"? Morreram muito mais de 150 mil brasileiros, mas é assim mesmo: "um dia se morre". A negação fecha as portas, não abre espaço para o enlutamento e, portanto, para o restabelecimento, para a reconstrução.

Muitos lamentos caberiam nestas páginas, ainda!

Muitos lutos, ainda!

Sem dúvidas, muitíssimos mais!

Alguns desses lamentos foram compartilhados no interior da vida familiar, em grupos pessoais, de convívio privado, em grupos de discussões e pesquisas... E grupos de estudos, como foi o caso do "Grupo de estudos: práticas artísticas, políticas e curatoriais", em que foi possível perceber e vivenciar, a cada encontro semanal, desde o começo da pandemia do novo coronavírus e de outras pandemias próprias da vida contemporânea, a existência de espaço para diferentes falas, entre elas, as que acolhiam e ajudavam a elaborar dores, perplexidades, apreensões, contradições, resistências, enlutamentos, reinvenções.

E, também, algumas alegrias (a de se continuar viva, vivo, a de se ter umas às outras, outros, outres, por exemplo) como substrato para uma produção coletiva por meio de trocas artísticas e afetivas: aliançando-se no agora, tornando coletivo o luto singularizado em cada coração, criando uma espécie de luto público, um luto com potência de luto político.

O que fica, AGORA são "memórias de futuro", tal qual "sementes espalhadas nesse chão" e o desejo de que se abram muitas janelas, aquelas que permitam que, de dentro, o mundo seja admirado, e aquelas que possam ser, também, espaços de entrada de sóis que se gestam em coletivos de vozes abraçadas. Como Elizeth Cardoso:

**Quero
as janelas
abrir
para que
o sol
possa vir**





























LUTOS

Instalação

Considerando a extensão das perdas das vidas, os impactos iniciais e, depois, a naturalização da morte, tanto por parte do governo federal, como por parte da maioria da população brasileira e a necessidade consequente de elaboração desse grande luto, parece ser de bom tom manter debates que recolorem constantemente a morte e o luto em pauta.

Diz um velho ditado: "morto famoso, morto chorado". A sabedoria do ditado revela algo mais do que um motivo ou uma explicação para um choro, seu avesso chama a atenção por revelar a ausência de choros às e aos que não possuem fama, o povo em geral, pessoas invisíveis, não choradas ou pouco choradas. Seria este imenso contingente de "nós", as/os integrantes do conjunto dos não famosos e a quem não se chora?

Por conta do medo da iminência da morte que passou a invadir cidades e casas, a habitar corações e a ameaçar todas e todos, por certo o enlutamento teve seu momento de importância nesses espaços e corpos, mas foi passageiro ao que parece. Não obstante os óbitos terem atingido marcas expressivas, diariamente (muitas vezes mais de mil), a notícia que divulgava o boletim dos óbitos e infectados, parecia não se destacar das demais. A ausência de espaços

para a elaboração de um luto muito particular, ou seja, um luto de extensão incomensurável, nunca vivenciado pela população em tão brevíssimo tempo (menos de um ano), sugere constituir uma grande lacuna a ser preenchida por iniciativas de diversas áreas cabendo, entre elas, um lugar importante à arte.

Provocar questionamentos por meio de obras de arte às vivências, às memórias e aos sentidos no que se refere à relação das perdas diretas e indiretas de vidas no período da pandemia e o processo do enlutamento daí derivado, constitui o objetivo principal da obra "AR: Lutos em tempos de pandemia".

Esta obra é composta de esculturas feitas com tiras recortadas de meias usadas e avulsas (obtidas por doações) de uma coleção particular, iniciada no ano de 2019, e de outra coleção de pequenas caixas reunidas ao longo de mais 20 anos.

Tais esculturas remetem à figura de pessoas mortas, aspecto buscado ao serem banhadas em uma mistura de cimento, água e cola para simularem rigidez, imobilidade e coloração associadas à morte, ao corpo morto, mais especificamente. As diversas caixas, que podem remeter à figura de urnas mortuárias passaram, também, por banho idêntico, adquirindo as mesmas características.

AR
LUTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Texto e obra

Silvia Zanatta Da Ros

Edição de artista

Publicação digital

Fotografia e Projeto Gráfico

Kamilla Nunes

Revisão

Aline Natureza

ISBN

978-65-992552-2-9

Ilha de Santa Catarina
2020

CAIS